

## CAPÍTULO 6

# PANORAMA LINGUÍSTICO DA FRONTEIRA FRANCO-AMAPAENSE

Celeste Maria da Rocha Ribeiro

### 6.1 INTRODUÇÃO

O contato e a mobilidade constituem ações muito presentes no Brasil, não só caracterizando sua população, como também influenciando a configuração da sociedade e, conseqüentemente, da língua, visto que suas realizações dependem dos contextos sociais, culturais e geográficos nos quais os indivíduos estão inseridos. Os estudos que se desenvolvem sob o viés do contato possibilitam um conhecimento maior acerca de aspectos relevantes para as questões linguísticas, tanto em ordem estrutural como social, visto que língua e contexto social atuam em conjunto no desenvolvimento de uma comunidade e, considerando o cenário dessa pesquisa, certamente o contato linguístico torna-se um dos responsáveis por essas dinâmicas.

Em se tratando especificamente do Brasil, o contato linguístico está muito presente, dada a história de relações sociais entre populações diferentes, processo de imigração, difusão linguística e emprego de línguas diversas em um mesmo local, principalmente nas áreas de fronteiras. Essa realidade de contato acentua-se nos contextos de fronteira, onde o contato entre falantes de línguas diferentes é intensificado, principalmente, pelas acentuadas relações histórico-comerciais, econômicas e socio-culturais que são estabelecidas entre os povos dessas áreas. O Brasil possui onze esta-

dos fronteiriços, sendo a maioria com países da América do Sul, onde o espanhol é a língua oficial. São três as regiões brasileiras de fronteiras com outros países: a região Norte, com todos os estados de fronteira, exceção do Tocantins; Centro-Oeste com Mato Grosso e Mato Grosso do Sul; e o Sul com todos os três estados.

Os estados do sul e centro-oeste fazem fronteira com países que têm o espanhol como língua oficial, enquanto os do norte estabelecem contato com o espanhol (Amazônicas); com variedades do inglês, na Guiana Inglesa (Roraima e Pará); variedades do holandês, no Suriname (Amapá e Pará) e do francês, na Guiana Francesa (Amapá).

O contato do português brasileiro com variedades de línguas como, o espanhol e o francês, ocorre em proporção maior, nas áreas de fronteiras, e em áreas geográficas não fronteiriças a ocorrência é em menor proporção – como é o caso do vêneto (COMINOTTI, 2015) e do pomerano (BREMENKAMP, 2014), no Espírito Santo, e o *Hunsrückisch*, dialeto alemão, em Estrela, Rio Grande do Sul (LARA, 2017). E esse contato amplia-se significativamente quando se consideram as línguas indígenas, cujo contato com o PB ocorre em diversas regiões do Brasil (RONCARATI; MOLLICA, 1997; FERREIRA, 2005; CHRISTINO; SILVA, 2012; CALAZANS, 2018; SANCHES, 2020).

O Amapá faz fronteira com a Guiana Francesa (Departamento Francês Ultramarino). Essa fronteira é estabelecida entre o município de Oiapoque, localizado no extremo norte do Amapá e do Brasil, e Saint-Georges, Comuna do Departamento Francês Ultramarino, onde ocorre a integração sócio-geográfica entre os dois países. A interação entre esses territórios possibilita o contato entre duas línguas oficiais, o português e o francês, além das línguas indígenas e crioulas da região. Em contextos de línguas em contato, há vários fatores atuando ora como forma de atração, ora como repulsão entre os grupos que as utilizam, a partir do status de cada uma no cenário em que se realizam.

Essa área fronteiriça evidencia características históricas, sociais e linguísticas peculiares que ainda não foram totalmente descritas, apesar de que estudos linguísticos sob perspectivas variadas estão ganhando espaço entre os pesquisadores amapaenses, principalmente no contexto de línguas indígenas. As questões históricas e sociais tendem a ser refletidas pela chegada e estabelecimento de franceses em Oiapoque, o que vem acontecendo de forma muito natural e motivada sobretudo pela compensação financeira, haja vista a moeda francesa, o euro, ter supervalorização no comércio local, o que faz com que os franceses sejam aceitos sem restrições na cidade, ao contrário das reações causadas pela presença de brasileiros na vila de Saint-Georges, que é vetada na entrada da cidade e tende a ser relacionada à imigração clandestina, à concorrência no mercado de trabalho, à violência, entre outros fatores sociais. Porém, a maioria das relações sociais que se estreitam ocorre com os laços familiares que são formados pela união, muito comum no local, entre brasileiras e franceses, tanto em Oiapoque como em Saint-Georges.

Neste texto, apresenta-se o panorama contextual que envolve o contato linguístico em Oiapoque, considerando a dinâmica dos povos que transitam no local, caracterizada pela interação de falantes oiapoqueenses monolíngues, usuários do português

brasileiro (PB), franceses bilíngues francês/português e não bilíngues usuários de francês língua materna (L1) e português segunda língua (L2), por indígenas bilíngues kheuól/português e não bilíngues usuários de kheuól L1 e português L2. Após considerações sobre contato linguístico, são caracterizados o local e os povos em contato, a fim de subsidiar a construção de uma base de investigação empírica acerca destas trocas, contribuindo para a caracterização dos falares em contexto de fronteira no Brasil.

## 6.2 CONTATO LINGUÍSTICO E OS CONTEXTOS DE INTERAÇÃO

Weinreich (1951) destaca as questões referentes ao indivíduo e ao contexto de interação como fatores importantes para o estudo das línguas em contato e do bilinguismo. Para esse autor, a extensão, a direção e a natureza da interferência de uma língua sobre outra podem ser entendidas em termos do comportamento de fala de indivíduos bilíngues, que é, por sua vez, condicionado por relações sociais na comunidade em que esses indivíduos vivem. Por isso, torna-se relevante observar a rede de relações em que ocorre o fenômeno comunicativo e aquela que se forma a partir da interação, a fim de se realizar uma análise particularizada da fala, a partir dos ambientes de contato linguístico.

De um ponto de vista discursivo-pragmático, cada indivíduo percebe e produz as informações em função de suas intenções comunicativas, fazendo usos de estratégias e práticas individuais adequadas ao sucesso interacional. Essas interações, muitas vezes, realizam-se em um ambiente em que a mesma língua não é compartilhada, o que se tem denominado de contato linguístico; mas em que consiste esse contato? De acordo com Sankoff (2001), corresponde ao produto histórico de forças sociais, surgido como resultado de desigualdades sociais que aparecem em períodos de guerras, colonialismo, escravidão e migrações, sejam elas forçadas ou não. Há, ainda, o contato linguístico proveniente de urbanização ou comércio, caracterizando-se como uma forma de contato harmônica, tal é o caso da comunidade destacada neste estudo. Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 96) assumem que numa situação de contato linguístico é comum haver “certo grau de contato entre quaisquer dois dialetos regionais”, caracterizando os sistemas coexistentes: “alguns falantes que controlam ambos os dialetos ativamente, e um número maior que têm conhecimento passivo do dialeto vizinho, mas comando ativo de apenas um”.

Para Thomason (2001, p. 1), o contato linguístico corresponde ao “uso de mais de uma língua em um mesmo lugar ao mesmo tempo”. É nesse contexto que se insere Oiapoque, na fronteira franco-amapaense, onde coocorrem português, francês, língua indígena *parikwaki* e língua indígena *kheuól* (crioulo de base francesa). Ainda conforme Thomason (2001), o contato linguístico não requer fluência em uma ou outra língua, mas necessita de qualquer tipo de comunicação entre os falantes dessas diferentes línguas e pelo menos, alguns membros desses grupos falam mais de uma língua na comunidade específica. Essa situação pode ser percebida nos indivíduos que transitam e moram em Oiapoque, pois a maior parte é fluente em português, no caso

dos oiapoquenses, ou em francês no caso dos franceses, ou, ainda, em *kheuól*, no caso dos indígenas, mas todos possuem algum tipo de contato com uma segunda língua (L2) e a maioria fala uma L2, seja português, ou francês ou *kheuól* (RIBEIRO, 2018).

A realidade da fronteira do Brasil com a Guiana Francesa desenvolve-se a partir da diversidade étnica presente na região, com etnias ameríndias, brasileiros e franco-guianenses que possibilitam o contato entre várias línguas: portuguesa, francesa, diferentes línguas indígenas e o crioulo de base francesa (DAY, 2013). A fronteira franco-brasileira, segundo Day (2013), constitui duas comunidades, cada uma com situação diferenciada de bilinguismo, intensificada pelo convívio de dois povos e respectivo confronto de duas línguas nacionais, a portuguesa, do lado brasileiro e a francesa, no lado francês. Em Oiapoque, cidade do lado brasileiro, o português é a língua oficial e também a de maior uso em todos os setores e espaços da cidade; porém, divide espaço com a língua francesa, que é tida, geralmente, como língua de trabalho para a maioria dos oiapoquenses, pelo menos no setor comercial, hoteleiro e lojas de câmbio, pois a maior parte dos clientes desses estabelecimentos é francês. Por isso, saber francês torna-se, praticamente, obrigatório para quem procura trabalho nesses setores. Nessa cidade, emprega-se ainda o *kheuól*, considerada a única língua crioula falada por indígenas, no Brasil (CAMPETELA et al., 2017). É a língua de contato entre as etnias indígenas da região, utilizada, predominantemente, por indígenas, tanto na cidade quanto nas aldeias; porém, na sede do município costuma ser usada também nas instituições indígenas, como a FUNAI, Museu do Índio e o Hospital Indígena de Oiapoque.

Portanto, em Oiapoque temos uma realidade multilíngue, cujas línguas caminham em direções distintas:

- O português é a língua oficial, a mais usada pelos falantes, mas conforme Day (2005, p. 68), os oiapoquenses dão “uma grande importância ao aprendizado da língua francesa”, principalmente devido ao acesso facilitado ao mercado de trabalho;
- O francês tende a ser menos usado que o português, mas ter fluência nessa língua certamente favorece o acesso ao mercado de trabalho na cidade. É interessante observar que atividade profissional e bilinguismo apresentam uma relação estreita em Oiapoque, e que os falantes bilíngues estão mais inseridos nos setores comercial e de serviços. Day (2005, p. 76) destaca que “vendedores, garçons, recepcionistas, catraieiros, cambistas compõem a parcela majoritária bilíngue em contraste com profissionais ligados à administração e a serviços públicos”. Por isso, o quadro mais comum é o de oiapoquenses fluentes em francês mas que têm baixo nível de escolaridade, a maioria não completou o ensino médio (RIBEIRO, 2018);
- O *kheuól*, falado pela maioria dos indígenas, mas de uso restrito na cidade, limitando-se a espaços públicos predominantemente de atendimento aos indígenas da região; verifica-se também que os oiapoquenses não demonstram interesse em aprendê-lo, o que pressiona, de certa forma, o aprendizado e o uso do português pelos indígenas quando estão em Oiapoque, fora de seus ambientes familiares.

Esse cenário propicia a observação da dinâmica das interações e, conseqüentemente, do contato linguístico. Dada a porosidade das fronteiras, as pessoas e seus usos sociais, linguísticos, assim como, seus costumes, culturas e tradições vão e vêm em razão das dinâmicas migratórias e dos intercâmbios fronteiriços, resultando no contato com diversos e diferentes fenômenos, sobretudo linguísticos.

### 6.3 O CONTEXTO DE FRONTEIRA

Oiapoque teve como primeiros habitantes da região os antepassados dos povos indígenas *waiãpi*, *galibi* e *palikur*, mas, segundo relatos, o município originou-se da morada de um mestiço, Emile Martinic, em uma data imprecisa, considerado o primeiro habitante não índio do atual município. O município foi criado em 23 de maio de 1945, por meio da Lei 7.578/1945, cuja denominação de origem tupi-guarani significa “casa dos waiãpi”. A história do povo oiapoquense confunde-se com a dos povos indígenas, visto esses povos serem os primeiros habitantes da região, desde a época da colonização brasileira pelos portugueses. Conforme relatos dos moradores, a maior parte das famílias oiapoquenses apresenta, em sua constituição, mistura com indígenas, franceses ou guianenses em razão do antigo contato entre esses povos no local.

No entanto, é forte a presença de imigrantes nordestinos e paraenses na cidade, levados pela “febre” do ouro na década de 1980, nos garimpos da região fronteira. A cidade tem recebido também imigrantes internacionais, sobretudo franceses, que, geralmente, por razões de casamentos com brasileiras e atuação no comércio local, estabelecem-se como moradores na cidade. De forma geral, sua presença não é problematizada pelo Estado brasileiro, o que lhes permite viver em uma condição tranquila de migrante ou de turista.

Segundo dados de estimativa feita pelo IBGE (2020), a cidade possui aproximadamente 28.534 habitantes, está situada na parte norte do Brasil e do estado do Amapá, distribuindo-se por uma área equivalente a 22.725,70 km<sup>2</sup>. Conforme Castro e Azeu (2012, p. 33), a realidade de Oiapoque como cidade fronteira reflete sua “condição de fronteira-relação e ponto de passagem no momento histórico da configuração da globalização influenciando no processo de des-reterritorialização local”. Porém, as pessoas que moram e passam pela cidade fazem parte desse processo, mas não se mostram preparadas para atuarem e posicionarem-se estratégica e adequadamente nesse espaço, cujos interesses diferenciados envolvem dinâmicas além do território da cidade de Oiapoque.

Assim, Oiapoque vivencia um contexto de multilinguismo caracterizado pela presença da pluralidade étnico-social e, conseqüentemente, linguística, apesar de a língua portuguesa ser, comprovadamente, a majoritária no local (RIBEIRO, 2018). A população que reside e transita em Oiapoque ratifica a dinâmica migratória frequente, favorecida pela localização fronteira e pelo acesso facilitado. As relações socioeconômicas e culturais são extremamente beneficiadas por essa dinâmica, haja vista, atualmente, setores, como o comércio, a educação, o ensino, o turismo, o lazer e o entretenimento nesse município desenvolverem atividades e ações que, geralmente,

são compartilhadas e realizadas em parcerias com instituições francesas e indígenas. Apesar de haver as diferenças étnico-raciais, a integração e a cooperação entre a população são grandes, pois todos e todas compartilham o mesmo espaço e, em maior ou menor grau, todos vivenciam o contato na fronteira.

### 6.3.1 OS FRANCESES EM OIAPOQUE

A dinâmica migratória da Guiana para o Brasil e, especificamente, para o Oiapoque é antiga e aumentou no começo do século XXI, a partir da assinatura do Acordo de Cooperação Transfronteiriço entre Brasil e França, em 1996, que intensificou o contato Caiena-Saint-Georges e Oiapoque, uma vez que este acordo evidenciava muitas ações concretizadas por meio de projetos de cooperação socioeconômica, cultural e científica entre os dois países. Desde então, os franceses foram se estabelecendo nesse município amapaense, principalmente os homens, em razão de relacionamentos com mulheres brasileiras, haja vista nos finais de semana ser muito frequente esses homens atravessarem a fronteira em busca de diversão e lazer (DAY, 2013).

Outro fator de atração dos franceses pela cidade de Oiapoque refere-se à perspectiva de oportunidade de trabalho, no sentido de comercialização de produtos como vestuário, bebidas, perfumes, joias, bijuterias, além da acessibilidade para chegar a outros estados do Brasil. Segundo dados sociodemográficos (RIBEIRO, 2018), os franceses que moram em Oiapoque são originários de diferentes lugares da França, inclusive Paris.

Quando se mudam para Oiapoque, é comum já conhecerem um pouco a língua portuguesa, principalmente os que vêm de Caiena e de Saint-Georges, pois nessas cidades, além de essa língua ser ofertada nas escolas como língua estrangeira, costuma ser empregada com frequência nas ruas, dado o grande número de brasileiros morando por lá. Ainda conforme levantamento sociodemográfico, a maioria dos franceses que mora em Oiapoque adquiriu o português na fase adulta, a partir dos 15 anos de idade. Vale dizer que esse aprendizado não ocorre via escola, mas, quase exclusivamente, pelo contato com falantes do português no dia a dia, como cônjuge, filhos, parentes e amigos, além de meios como televisão, internet, jornal impresso, livros, revistas e similares.

Portanto, os franceses que transitam ou moram em Oiapoque, geralmente, falam português; o que os diferencia é o grau de fluência. Mas, independente do grau de fluência, a língua portuguesa não constitui obstáculo para esses falantes na cidade, até porque, como muitos disseram “a gente se sente em casa aqui em Oiapoque” (RIBEIRO, 2018, p. 96), haja vista a língua francesa estar muito presente no local, principalmente, nas denominações de logradouros, conforme se vê nas Figuras 6.1, 6.2 e 6.3.

**Figura 6.1:** Placa com Denominação Comercial.



**Fonte:** Ribeiro (2018, p. 96).

**Figura 6.2:** Placa de Denominação Comercial.



**Fonte:** Souza (2022, p. 49).

**Figura 6.3:** Denominação Comercial.

Fonte: Souza (2022, p. 50).

A dinâmica migratória entre franceses e oiapoquenses é favorecida pela localização fronteiriça e pelo acesso facilitado. As relações sócio-históricas e econômico-culturais são extremamente beneficiadas por essa dinâmica, dada a integração que se materializa em ações conjuntas e parcerias estabelecidas entre o Amapá e a Guiana Francesa. No Oiapoque, apesar das diferenças étnico-raciais, a cooperação entre os grupos é intensa, visto que compartilham o mesmo espaço e, em maior ou menor grau, todos vivenciam o contato na fronteira. Além disso, todos convivem em uma região de fronteira estratégica para o desenvolvimento do município e, até mesmo do Norte como um todo, embora as políticas públicas ainda não tenham tido essa percepção, dada a situação de abandono sociopolítico e econômico em que vive a região (ALMEIDA; RAUBER, 2017).

### 6.3.2 OS INDÍGENAS EM OIAPOQUE

Os pesquisadores que se dedicam aos estudos da formação e da constituição dos grupos indígenas na fronteira do Brasil com a Guiana Francesa destacam, em geral, que é difícil apontar e caracterizar com exatidão todos os povos que habitaram essa região fronteiriça. Porém, alguns estudos (TOBLER, 1983; VIDAL, 2000; FERREIRA; ALLEYNE, 2007; FERREIRA; SILVA, 2012; GARCIA et al., 2013) possibilitam identificar e localizar as etnias existentes na região da Guiana, principalmente na Guiana Francesa e no Oiapoque, a partir de dados populacionais e etnolinguísticos, associados aos grupos Arawak, Tupi e Karib. Os falantes das línguas Karib viviam ao norte do rio Amazonas, em sua maioria na região atual da Venezuela e das ilhas caribenhas, com franca expansão em direção à América do Norte. Alguns desses grupos de falantes migraram rumo ao leste da Guiana, onde se localizam hoje a Guiana Francesa e o Oiapoque.

Segundo Vidal (2009), foi durante o séc. XIX que a população indígena povoou de fato o vale do Uaçã (Oiapoque), vindo para este local, principalmente devido às perseguições e guerras em suas terras de origem, levando à fusão de muitas etnias e algumas até ao desaparecimento. Desse processo formaram-se os atuais povos indígenas que habitam o município de Oiapoque e seu entorno. Destaca-se também que a esses grupos indígenas uniram-se negros e brancos, em sua maioria, vindos da região das Guianas. Assim, constituíram-se os povos indígenas que povoam atualmente o Oiapoque, organizados em quatro etnias: os Galibi do Oiapoque ou Kalinã, os Kari-puna, os Palikur e os Galibi-Marworno, totalizando uma população de aproximadamente cinco mil indígenas, distribuídos em 39 aldeias e na sede do município.

A assinatura do Laudo Suíço em 1900, entre Brasil e França, favoreceu a aproximação com os moradores do local, estreitando a relação e o contato entre indígenas, oiapoquenses, franceses e guianenses. Atualmente, há uma relação comercial, socioeconômica, cultural e política muita intensa e frequente entre esses povos. A maior parte dessa população indígena é multilíngue, com português, francês, crioulo guianense e as línguas indígenas do local, o *kheuól* e o *parikwaki* (Vidal, 2009). O contato de todos os povos indígenas com o português em Oiapoque ocorre muito cedo, pois desde o nascimento, a criança já começa a ter contato com o português, e, independentemente de os pais serem fluentes nessa língua, a interação diária com as pessoas seja na cidade, seja na aldeia facilita este contato. Além disso, a frequência com que transitam em Oiapoque e o deslocamento para outros locais do estado, somada à integração com os moradores da região e a chegada, às aldeias, dos meios de comunicação, como a televisão, o telefone, e, em algumas mais próximas da cidade, a internet, certamente intensificam e favorecem este contato.

## 6.4 O CONTATO EM OIAPOQUE

Como vimos, no Oiapoque, o português brasileiro apresenta contato intensivo tanto com línguas autóctones (indígenas) quanto com línguas alóctones (de imigração), entre essas há a presença de uma língua oficial falada no outro lado da fronteira, o francês. Nesse espaço, coexistem duas línguas oficiais, em que uma é a mais usada pelos falantes, o português; mas a outra é a de prestígio social, o francês. Desse modo, a aquisição e o domínio do francês nessa cidade desenvolvem-se pela pressão social que essa língua exerce na população local refletindo, que o “bilinguismo da fronteira é impulsionado [...] pela necessidade de falar uma língua que ofereça maiores oportunidades de trabalho e de progresso econômico” (DAY, 2005, p. 76).

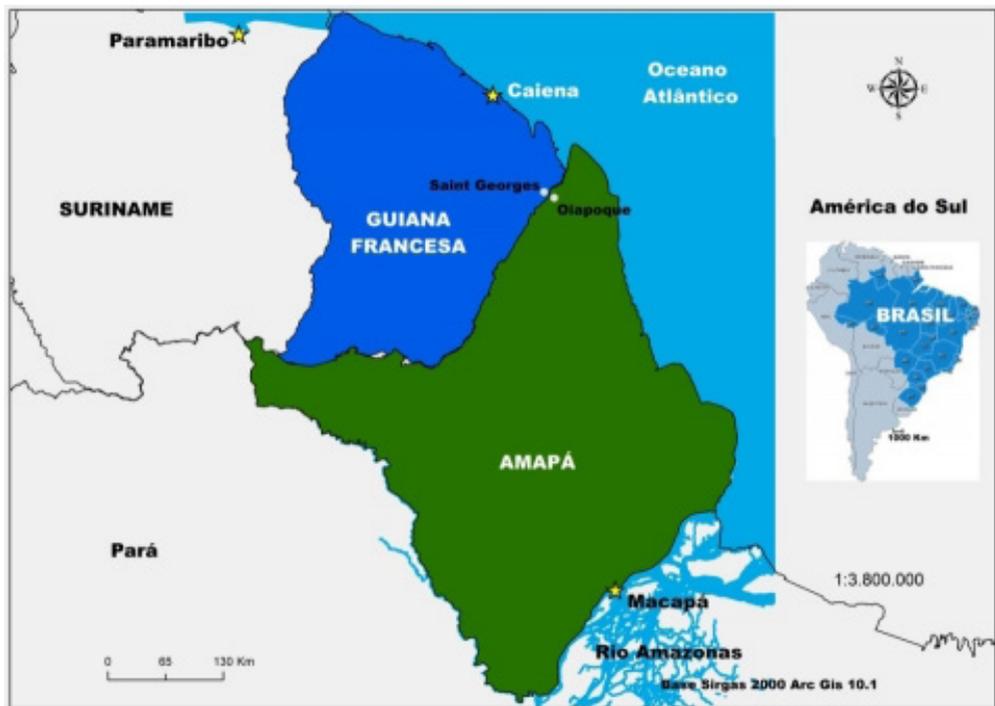
Por outro lado, o estado do Amapá e a fronteira franco-brasileira, onde se localiza o município de Oiapoque, historicamente vêm se mostrando uma região carente de políticas públicas e pouco desenvolvida economicamente, com muitas dificuldades de acesso a bens e serviços públicos, causados em sua maioria, pela ausência de coesão social e presença de problemas comuns às regiões fronteiriças brasileiras. Para uma melhor compreensão da dinâmica do contato que envolve essa comunidade, é importante conhecer a realidade geográfica, social e histórica do espaço amapaense onde se

localiza a fronteira Brasil – Guiana Francesa. Essa caracterização é resultado de nossa observação e conversa informal com moradores acerca da realidade local, como consequência das idas ao Oiapoque, por ocasião da coleta de dados (RIBEIRO, 2018).

#### 6.4.1 ASPECTOS HISTÓRICO-GEOGRÁFICOS

O município de Oiapoque localiza-se na fronteira setentrional norte brasileira, distante cerca de 600 quilômetros da capital do estado do Amapá, Macapá. Está ligado à capital pela rodovia BR-156. O mapa, na Figura 6.4, indica a localização geográfica de Oiapoque no estado do Amapá, norte do Brasil.

Figura 6.4: Localização Geográfica do município de Oiapoque/AP.



Fonte: Ribeiro (2018, p. 82).

O município encontra-se distribuído em uma área com cerca de 22.625 km<sup>2</sup> e, segundo dados do IBGE (2020), o município tinha uma população equivalente a 25.509 habitantes e uma densidade demográfica de 0,91 habitantes/km<sup>2</sup>. O município de Oiapoque tem suas origens relacionadas às políticas de povoamento, colonização e defesa do território nacional. Segundo Day (2013), entre os séculos XVI e XVIII, Portugal e França disputaram cerca da metade do espaço territorial onde atualmente se localiza o estado do Amapá, pois, durante dois séculos, essa região esteve dominada e

explorada por comerciantes originários da Guiana Francesa. Conforme Nascimento e Tostes (2008), os primeiros sinais de povoamento do território ocorreram, de fato, no século XIX, com a chegada de cidadãos guianenses e antilhanos, que ocuparam o lugar dos índios Oyâmpis, que migraram para a Serra do Tumucumaque. Tal ocupação, porém, não conseguiu inibir o avanço de exploradores franceses, ingleses e holandeses na área às margens do rio Oiapoque. Porém, somente em 1900, com a assinatura do Laudo Suíço entre Brasil e França, aquela região, correspondente atualmente à região norte do Amapá, tornou-se oficialmente brasileira.

O Laudo Suíço estabeleceu limite do Estado-nação, mas não conseguiu, logicamente, frear a dinâmica dos povos. Nos anos 1960, houve um intenso fluxo migratório de brasileiros para a Guiana Francesa em busca de oportunidades de trabalho, em razão da valorização da moeda francesa, tendo como corredor obrigatório de passagem a fronteira Oiapoque-Saint-Georges. Essa cidade corresponde a uma pequena comunidade francesa denominada Departamento de Ultramar da Guiana Francesa, com uma população equivalente a pouco mais de 3.000 pessoas (TOSTES, 2015). Localiza-se à 60 km da foz do rio Oiapoque em sua margem esquerda e constitui a fronteira natural com o Brasil. Do outro lado do rio, situa-se o município brasileiro de Oiapoque que atualmente liga-se ao território francês por meio da ponte binacional, inaugurada em 2017 (Figura 6.5).

**Figura 6.5:** Ponte Binacional na Fronteira Brasil e Guiana Francesa.



**Fonte:** Ribeiro (2018, p. 84).

## 6.4.2 ASPECTOS SOCIOECONÔMICO-CULTURAIS

O acordo de cooperação transfronteiriça assinado entre os governos brasileiro e francês – que previa realização de projetos de cooperação sócio-econômica, científica, educativa e cultural – permitiu o amplo acesso tanto de franceses do lado de cá quanto de brasileiros do lado de lá, o que intensificou e aumentou ainda mais o contato entre esses povos na região. Hoje é bastante comum a presença de franceses e guianenses nas ruas da cidade brasileira, seja a trabalho, comércio, negócios, educação ou diversão e lazer, sendo esses últimos os principais fatores de estimulação à vinda desses grupos ao Oiapoque.

O setor predominante nas atividades econômicas concentra-se nos serviços e atualmente vem despontando no setor agropecuário (RIBEIRO, 2018), além da pesca e da agricultura (SILVA et al., 2016). Nessas últimas atividades, as tribos indígenas têm participação socioeconômica relevante, pois são elas que abastecem boa parte da cidade com produtos agrícolas. O setor comercial é movimentado e tem como clientes-alvo os franceses; por outro lado, no setor educacional observa-se que a maioria da população possui grau de ensino baixo, em que de forma geral predominam pessoas com o nível fundamental, semelhante ao que ocorre em outras pequenas cidades do Brasil. Em todo o município oiapoqueense, só há uma escola estadual de ensino médio e cerca de doze escolas da rede pública que oferecem o ensino infantil e o fundamental. Em 2013, a Universidade Federal do Amapá implantou o campus binacional com cursos de graduação e, em seguida, foi instalado o campus do Instituto de Ensino Federal do Amapá oferecendo à comunidade a oportunidade de ingresso em vários cursos de nível técnico e superior.

Em termos de infraestrutura, a cidade é extremamente carente, com um sistema ineficiente de saneamento básico, ausência de asfaltamento na maioria das ruas e avenidas, carência nas opções de lazer, como cinema, teatro, arena esportiva, biblioteca ou livraria, falhas constantes no abastecimento de energia elétrica, sinal de internet e telefonia, coleta de lixo domiciliar deficitária, além de uma ocupação urbana desordenada. A Figura 6.6 retrata a principal via asfaltada da cidade.

**Figura 6.6:** Área Central de Oiapoque.

**Fonte:** Ribeiro (2018, p. 86).

Assim, apesar de as problemáticas observadas, Oiapoque exerce influência direta no comportamento econômico, social, político e cultural das cidades vizinhas do outro lado da fronteira, dada sua posição geográfica.

### 6.4.3 O CONTEXTO LINGUÍSTICO DE OIAPOQUE

Na região da fronteira franco-amapaense constituída geograficamente pelas cidades de Oiapoque (Amapá/Brasil) e Saint-Georges (Guiana Francesa/França) coexistem várias línguas. Essa realidade multilíngue evidencia-se pelo emprego, sobretudo, de quatro línguas mais usadas pelos falantes que transitam e habitam o local: português, francês, crioulo francês e *kheuól*, crioulo falada por indígenas (CAMPETELA et al., 2017). O português é a língua oficial e também a de maior uso em todos os espaços da cidade; mas, compartilha contextos com a língua francesa, que tende a ser a língua de trabalho para muitos oiapoquenses. No entanto, apesar de uma situação multilíngue nesse local, em geral, o emprego de cada língua é determinado por um contexto comunicativo específico e seus usuários reconhecem esse contexto no momento de suas interlocuções. Esse multilinguismo é percebido de forma mais frequente em razão do trânsito das pessoas, haja vista Oiapoque ser a entrada no Brasil e Saint-Georges ser a porta para a Guiana Francesa e toda a região caribenha (RIBEIRO, 2018). Cada uma delas tem seu contexto de uso definido, em geral, conhecido pelos falantes que as empregam de acordo com seus graus de fluência.

Nas escolas de Oiapoque se ensina o português como L1 e o francês e o inglês como línguas estrangeiras. Apesar de haver cerca de 70 famílias indígenas, cujos filhos estudam nessas escolas, o *kheuól* é ensinado apenas nas escolas das áreas indígenas da região. Nessas áreas situadas na região oiapoqueense, os falantes convivem cotidianamente com o português. Nas aldeias onde moram, os indígenas falam, basicamente, duas línguas: o *kheuól* e o português, que, para alguns tem status de L2 e para outros, como as crianças e jovens, equivale à L1. Nas aldeias mais distantes de Oiapoque, os indígenas empregam com menor frequência o português, o que reforça a manutenção e a vitalidade da língua indígena no local (BARROS, 2016).

Assim, a comunicação é marcada na fronteira amapaense pela pluralidade linguística, tendo o francês e o português como oficiais em seus respectivos territórios, mas em integração com crioulos, línguas indígenas e outras línguas que podem também ser encontradas diariamente nesta região. Assim, ratifica-se mais uma vez o papel da mobilidade e do contato entre os moradores da fronteira franco-amapaense, falantes de línguas maternas diferentes, mas grande parte falante do português, papel esse caracterizado pela diversidade dos povos que transitam no local e pelo fluxo migratório intenso que concretizam a dinâmica do contato na região.

## 6.5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, buscamos mostrar o papel do contato linguístico no município de Oiapoque, ressaltando a diversidade étnico-social do local e o fluxo migratório intenso, principais responsáveis pela interação dos indivíduos, os quais se configuram como falantes de línguas maternas diferentes, porém grande parte desses falantes compartilha o PB, sobretudo na condição de L2. Por fim, cabe destacar que essa área fronteira já possui diversos estudos que buscam dar visibilidade às dinâmicas interacionais próprias de áreas fronteiriças (SOUZA, 2022; SOUZA; DAY, 2021; SANTOS, 2021), porém ainda existe muito a ser estudado, dadas as particularidades de uma fronteira tão peculiar onde convivem línguas com funções sociais diversas, mas que atuam conjuntamente desempenhando suas respectivas funções na comunidade. Nossa intenção é dar continuidade ao estudo do português nessa localidade, seja como L1 ou L2, a fim de um melhor conhecimento da variedade falada nessa cidade fronteira.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. S.; RAUBER, A. L. Oiapoque, aqui começa o Brasil: a fronteira em construção e os desafios do Desenvolvimento Regional. *Redes*, v. 22, n. 1, 2017.
- BARROS, E. *A Língua Parikwaki (Palikur, Arawak): Situação Sociolinguística, Fonética e Fonologia*. Tese – Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- BREMENKAMP, E. S. *Análise Sociolinguística da Manutenção da Língua Pomerana em Santa Maria de Jetibá*. Dissertação – Vitória: UFES, 2014.

- CALAZANS, P. C. *A Marcação da Concordância Verbal da Terceira Pessoa do Plural no Português de Contato dos Guarani do Espírito Santo*. Tese – Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2018.
- CAMPETELA, C. *et al.* Documentação linguística, pesquisa e ensino: revitalização no contexto indígena do norte do Amapá. *Revista Linguística*, v. 13, n. 1, p. 151-167, 2017.
- CASTRO, E.; HAZEU, M. Cidades, fronteiras transnacionais e migração na Pan-Amazônia. *Somanlu*, n. 2, 2012.
- COMINOTTI, K. S. S. O Contato Linguístico entre o Vêneto e o Português em São Bento de Urânia, Alfredo Chaves, ES: uma análise sócio-histórica. *(Con)textos Linguísticos*, v. 9, n. 14, 2015.
- CHRISTINO, B.; SILVA, M. L. Concordância Verbal e Nominal na escrita em Português-Kaingang. *Papia*, v. 22, n. 2, p. 415-428, 2012.
- DAY, K. C. N. *A Situação Sociolinguística da Fronteira franco-brasileira: Oiapoque e Saint Georges*. Dissertação – Rio De Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2005.
- DAY, K. C. N. Fronteiras Linguísticas e Fronteiras Políticas: Relações Linguísticas e Socio-Históricas na Fronteira do Brasil com a Guiana Francesa. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Língua em uso*, n. 47, 2013.
- DAY, Kelly Cristina Nascimento. Políticas de linguagem semiotizadas na paisagem linguística transfronteiriça de Oiapoque e Saint Georges. *Revista Humanidade e Inovação*, v. 8, n. 66, p. 20-32, 2021.
- FERREIRA, M. Descrição de aspectos da variante étnica usada pelos Parkatejê. *DELTA* [online], v. 21, n. 1, p. 1-21, 2005.
- FERREIRA, J. S.; ALLEYNE, M. C. Comparative Perspectives on the origins, development and structure of Amazonian (Karipúna) French Creole. *In: Comparative and Historical Studies*, Sil Publications, 2007, p. 325-357.
- FERREIRA, S. M. P.; SILVA, R. V. Contato linguístico na fronteira Brasil-Bolívia: hibridações étnicas, culturais e sociais. *In: Estudos históricos*, n. 09, 2012.
- GARCIA, S. P. *et al.* Os Indígenas e as suas relações na Fronteira Oiapoque/Guiana Francesa. *In: XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal: 2013.
- LARA, C. C. *Varição fonético-fonológica e atitudes linguísticas: o desvozeamento das plosivas no português brasileiro em contato com o hunsrückisch no Rio Grande do Sul*. Tese – Porto Alegre: UFRGS, 2017.
- NASCIMENTO, O.; TOSTES, J. A. Oiapoque – aqui começa o Brasil: as perspectivas de desenvolvimento a partir da construção da BR-156 e da Ponte Binacional entre o Amapá e a Guiana Francesa. Comunicação apresentada no *IV Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação Pesquisa em Ambiente e Sociedade (ANPPAS)*, Brasília, 2008.

- RIBEIRO, C. M. R. *Contato Linguístico e a Concordância de Número no Sintagma Nominal no Português de Oiapoque-AP*. Tese – Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.
- RONCARATI, C.; MOLICA, M. C. (orgs.). *Variação e Aquisição*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- SANKOFF, G. Linguistic outcomes of language contacts. In: TRUDGILL, P.; CHAMBERS, J.; SCHILLING-ESTES, N. (eds.), *Handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Basil Blackwell, 2001, p. 638-668.
- SANTOS, F. Unidos pelo rio, separados pela ponte: desigualdades entrelaçadas na fronteira franco-brasileira. *Confins*. n. 51, p. 01-17, 2021.
- SANCHES, R. D. *Atlas Linguístico dos Karipuna do Amapá*. Rio Branco: Nepan, 2020.
- SILVA, I. et al. Multilinguismo e políticas: análise de uma paisagem linguística transfronteiriça. *Domínios da Linguagem*, v. 10. n. 4. Uberlândia: 2016.
- SOUZA, N. J. L. de. *Paisagem e Política entre Ecossistemas Linguísticos: uma abordagem ecolinguística da fronteira franco-brasileira*. Monografia – Macapá: UEAP, 2022.
- SOUZA, N. J. L. de; DAY, K. C. N. Dinâmicas interacionais fronteiriças: o uso do Francês nas instituições públicas em Oiapoque. Macabéa – *Revista Eletrônica do Netlli*, v. 10, n. 1, 2021, p. 315-337.
- TOBLER, A. W. *The Grammar of Karipuna Creole*. Brasília: Summer Institut of Linguistics. 1983.
- TOSTES, J. A. *Dinâmica entre a cidade de Oiapoque e Saint George*. Disponível em: <http://josealbertostes.blogspot.com/2015/dinamica-entre-cidade-de-oiapoque>. 2015. Acesso em: 16 maio 2017.
- THOMASON, S. G. *Language Contact*. Edinburgh University Press, Edinburgh, 2001.
- VIDAL, L. B. *Verbete Galibi-Marworno – Língua*. 2000. Disponível em: <http://www.socioambiental.org>.
- VIDAL, L. B. *Povos Indígenas do baixo Oiapoque*. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. (Tradução de M. Bagno).
- WEINREICH, U. *Languages in contact*. New York: Publications of the Linguistic Circle of New York, 1951.